

Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro

The teachers and the pedagogical challenges facing the new generations: on the present and the future

Elydio dos Santos Neto

Pós-Doutor em Educação e Artes pelo Instituto de Artes da UNESP.
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Metodista de São Paulo (São Bernardo do Campo).
Autor de *Por uma Educação Transpessoal* (Metodista/Lucerna).
E-mail: elydio.santos@metodista.br

Edgar Silveira Franco

Artista Multimídia, Doutor em Artes pela ECA-USP. Docente-pesquisador do Mestrado em Cultura Visual da UFG (Goiânia). Autor de *HQTrônicas: do suporte papel à rede internet* (Fapesp/Annablume).
E-mail: oidicius@gmail.com

RESUMO

O artigo inicia-se com uma referência à condição humana inacabada e histórica, na qual emergem conflitos geracionais. A seguir, apresenta, rapidamente, as características principais das gerações conhecidas como *baby boomers*, X, Y e Z. Mostra os problemas que surgem na relação pedagógica quando há o encontro destas diferentes gerações no espaço da sala de aula. Reflete sobre as possibilidades futuras das novas gerações e, a partir daí, aponta para alguns temas que precisam ser cuidados e estudados com as novas gerações. Tomando tais temas como referências, sugere alguns eixos para os processos de formação inicial e/ou continuada de professores. Conclui sugerindo a corajosa abertura dos professores para o aprendizado de novas linguagens, que gerem novas narrativas, e também a necessidade de uma formação na/para inteireza.

Palavras-chave: Geração *baby boomers*. Gerações X, Y e Z. Formação de professores. Tecnologias.

ABSTRACT

The article starts with a reference to the unfinished and historical human condition within which generational conflicts come up. Then it summarizes the main characteristics of the generations known as *baby boomers*, X, Y and Z and shows the problems that show up in the pedagogical relationship when these different generations meet each other in the classroom. The article analyzes the possible alternatives of the new generations and starting from there points to some subjects that need to be addressed to and studied with them. Adopting these subjects as a reference, the article suggests some lines for the initial and/or continued teachers' training processes. It concludes suggesting to teachers a daring disposition to learn new languages that will generate new narratives and the need of training in and for entireness.

Keywords: *Baby boomers* generation; X, Y and Z generations; Teachers' preparation; Technologies.

RESUMEN

El artículo comienza con una referencia a la inconclusa e histórica condición humana en la cual surgen conflictos generacionales. En seguida, presenta sumariamente las principales características de las generaciones conocidas como *baby boomers*, X, Y y Z. Muestra los problemas que surgen en la relación pedagógica cuando ocurre el encuentro de estas diferentes generaciones dentro del aula. Reflexiona sobre las posibilidades futuras de las nuevas generaciones, y desde allí, señala algunas cuestiones que deben ser consideradas y estudiadas con las nuevas generaciones. Tomando estas cuestiones como referencias, sugiere ejes para los procesos de formación inicial y/o continuada de maestros. Concluye sugiriendo la osada apertura de los profesores para aprender nuevos lenguajes que generen nuevas narrativas y también la necesidad de formación en la entereza y para ella.

Palabras clave: Generación "*baby boomers*"; Generaciones X, Y y Z. Formación de profesores; Tecnologías.

A humanidade
vem tomando
consciência de seu
inacabamento e
consequente
historicidade

Introdução

Ainda que pareça redundante, é necessário afirmar que, à medida que o tempo passa, a humanidade vem, cada vez com mais intensidade, tomando consciência de seu inacabamento e consequente historicidade. A história não está escrita, definida ou acabada. Não chegamos ao fim da história e nem este ou aquele sistema econômico-político teve sua vitória definitiva. Estamos diante de uma história aberta a inúmeras possibilidades, em um momento de profunda revisão de nossas narrativas tradicionais que até agora ajudaram a construir a vida em nosso planeta. É um momento de estupendo avanço científico, tecnológico, informacional, mas, ao mesmo tempo, de grande angústia diante de nosso futuro comum planetário, seja por conta dos conflitos sociais,

políticos, econômicos, culturais e étnicos, seja por conta de nossa relação agressiva com Gaia, a Terra, compreendida como um ser vivo.

Gaia é o nome da Terra entendida como um sistema fisiológico único, uma entidade que é viva pelo menos até o ponto em que, assim como outros organismos vivos, os seus processos químicos e a sua temperatura regulam-se automaticamente em um estado favorável aos seus habitantes. (LOVELOCK, 2006b, p.12)

Tendo vivido o que os teóricos chamaram de *modernidade*, período sobre o qual se ergueu o nosso atual estágio de desenvolvimento científico e tecnológico, para alguns, estamos vivendo, agora, o que chamam de *pós-modernidade*, tempo em que já não há mais confiança na razão científica e nas metanarrativas produzidas pela cultura moderna, tendo em vista a transformação do mundo. Para o sociólogo Laymert Garcia dos Santos (2003, p. 232),

Tudo se passa então como se estivéssemos vivendo um período de ondas de revolucionarização que, emergindo de dentro do capitalismo, lhe dão um novo alento e vão lhe abrindo novas perspectivas: é a Revolução Eletrônica, seguida pela Revolução das Comunicações, seguida pela Revolução dos Novos Materiais e pela Revolução Biotecnológica. O impacto crescente que essa evolução econômica e tecnocientífica exerce sobre as sociedades e os efeitos colaterais que ela suscita em todas as áreas começam a ser sentidos e percebidos, mas ainda estamos longe de poder analisá-los e avaliá-los.

Este contexto faz com que outros afirmem já estarmos em um tempo *pós-humano*, tempo no qual “a revolução natural do homem acabou. O que vivemos agora é a revolução artificial do homem, que deriva do impacto das tecnologias de informação sobre a natureza humana” (SANTOS, 2007, p. 19).

O que é certo, portanto, é que estamos em tempos de repensar a compreensão que temos de nós mesmos como seres humanos, o tipo de sociedade e mundo que estamos construindo, o tipo de sociedade e mundo que queremos construir. É óbvia a relação deste problema com a educação, a educação escolar, os professores e as gerações, as mais antigas e mais novas, que, se encontrando no processo educativo, participam da gestação do mundo presente e futuro.

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre os desafios pedagógicos que estão postos aos professores, em sua prática e sua formação, diante das novas gerações, e sua participação na construção presente e futura de nossa humanidade.

Estamos em tempos de repensar a compreensão que temos de nós mesmos como seres humanos, o tipo de sociedade e mundo que estamos construindo

O encontro de gerações: baby boomers, x, y e z

Nosso mundo vive contrastes paradoxais, pois, se uma parte dele tem uma hipertecnologia que nos permite falar em pós-humanidade, outra parte está numa miséria tão grande que não é possível falar nem mesmo em humanidade. No Brasil, vivemos estas duas realidades, e os professores precisam desenvolver a capacidade de trabalhar com estas duas situações, tanto no sentido de superar os fatores de desigualdade e desumanização como no sentido de viver, com desembaraço e competência, as realidades de um novo mundo que vai sendo gestado.

Muitos dos atuais professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação

Muitos dos atuais professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação e que, como tal, provocou muitas mudanças em vários aspectos da vida em sociedade. Esses mesmos professores convivem hoje com crianças e jovens que estão, quase todo o tempo, numa realidade tecnológica e virtual muito mais avançada do que aquela que eles experimentaram em sua trajetória: internet, celulares, telecomputadores, *iPods*, *videogames* com gráficos magníficos, vídeos e televisores com alta definição e 3D, *games* jogados em rede na internet, redes sociais, etc. É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente. Neste processo de reinventar o trabalho docente, frente às novas realidades humanas e tecnológicas, torna-se interessante identificar algumas das características das diferentes gerações que se encontram nas salas de aulas, da educação básica e do ensino superior, e também nos espaços de educação não-formal.

Neste processo de reinventar o trabalho docente torna-se interessante identificar algumas das características das diferentes gerações que se encontram nas salas de aulas

Está claro que a proposição das características das diferentes gerações, como será apresentada aqui, tem efeito aproximativo. Ela tem sido bastante utilizada pelos estudiosos das áreas de administração, negócios e lideranças, na perspectiva de compreender com quem trabalham e para quem vendem. Nesta rápida descrição, não se está levando em conta, por exemplo, fatores como classe social e características individuais de personalidade dos diferentes indivíduos. Estes, e outros, são, sem dúvida alguma, fatores que interferem na composição do perfil de um indivíduo em relação aos demais indivíduos de sua geração. Nossa intenção, portanto, é mostrar tendências e não assumir tal caracterização como uma verdade acabada e generalizada. Também em relação às datas que definem os períodos das diferentes gerações, encontramos, em diferentes autores, algumas pequenas diferenças. Confirmam-se, por exemplo, as referências de Viana (2008) e Oliveira (2010) e irá se observar o que estamos afirmando. Como as datas, assim como a caracterização proposta, são aproximativas, não iremos nos deter nestas diferenças, até porque estas, como já se disse, são pequenas.

A chamada geração *baby boomers* é constituída por indivíduos que nasceram entre 1946 e 1964. Nascidos logo após o término da Segunda Guerra Mundial, tinham na reconstrução do mundo e no trabalho duas de suas principais referências. O emprego, sua manutenção e sua aposentadoria eram os principais marcos que definiam a construção de sua vida individual. Esta geração viu o aparecimento da televisão e foi marcada pela aceleração das transformações culturais com o aperfeiçoamento técnico dos meios de comunicação de massa. Os indivíduos da geração *baby boomers* têm hoje entre 46 e 64 anos de idade.

A geração *X* nasceu entre 1965 e 1978 e foi marcada, de um lado, pelos movimentos *hippies* e pela revolução sexual, e de outro lado, pela experiência do desenvolvimentismo, das ditaduras, da crise econômico-energética e seu conseqüente desemprego. Crescendo em culturas já completamente afetadas pelos meios de massa, não conseguiu libertar-se completamente da noção de trabalho/emprego que herdou dos pais, mas foi profundamente influenciada pelas lutas por liberdade, reconhecimento das minorias, paz e independência do dinheiro, o que, sem dúvidas, gerou tensões e angústias permanentes. Os indivíduos dessa geração têm hoje entre 32 e 45 anos.

A geração *Y* nasceu entre 1979 e 1992 e foi profundamente marcada pela revolução tecnológica, pela globalização, em todos os seus aspectos, e também pelas questões ecológicas. Nascida num tempo em que o consumo se expandiu e foi facilitado pela tecnologia, é composta de indivíduos movidos pela preocupação com o sucesso profissional, nem sempre no mesmo emprego ou empresa, de tal forma que este lhes garanta a possibilidade de consumir o que o mundo da indústria tem a oferecer. São pessoas que têm hoje entre 18 e 31 anos.

O quadro abaixo, construído por Viana (2008), a partir de uma preocupação com a compreensão dessas diferentes gerações no interior de uma empresa, ajuda a visualizar os marcos definidores de cada uma das três gerações:

QUADRO 1 - AS DIFERENÇAS DAS GERAÇÕES			
GERAÇÃO	BABY BOOMERS	X	Y
Ano de nascimento	1946-1964	1965-1978	1979-1992
Acontecimentos que marcaram a geração	Final da Segunda Guerra Mundial	Movimento hippie e a revolução sexual	Revolução tecnológica
Principais ideais	Reconstruir o mundo	Lutar pela paz, liberdade, anarquismo	Globalização, multiculturalidade e diversidade
O trabalho é...	A principal razão da vida	O que paga as contas	Satisfação do desejo de consumismo
Média de tempo nas empresas	30 a 40 anos	10 a 15 anos	8 anos

O emprego, sua manutenção e sua aposentadoria eram os principais marcos que definiam a construção da vida individual dos *baby boomers*

A geração *Z* tem dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais

As novas gerações, de modo especial as gerações Y e Z, estão sofrendo uma ruptura brusca nas formas de percepção do mundo

A *geração Z* é composta por indivíduos que nasceram a partir de 1993 e que estão, portanto, na faixa de 0 (zero) a 17 anos. Os indivíduos a ela pertencentes, mais do que a anterior, são aqueles do mundo virtual: internet, *videogames*, baixar filmes e músicas da internet, redes sociais, etc. A tendência é que estejam com o fone nos ouvidos a todo instante, ao mesmo tempo em que estão realizando outras atividades e assistindo TV. Por isso, alguns chamam esta geração de “*geração silenciosa*”. Rápidos e ágeis com os computadores, têm dificuldades com as estruturas escolares tradicionais e, muitas vezes, com os relacionamentos interpessoais, uma vez que a comunicação verbal é dificultada pelas tecnologias presentes a todo o momento. Ainda não é muito claro como vão lidar com o emprego e com as especializações que até agora vêm se mantendo na sociedade.

Embora a caracterização acima não seja perfeita, pelos motivos anteriormente apontados, ela ajuda a pensar os problemas que enfrentamos em sala de aula no encontro de gerações.

Desafios para a relação pedagógica no encontro de gerações

Acreditamos que as novas gerações, de modo especial as gerações Y e Z, estão sofrendo uma ruptura brusca nas formas de percepção do mundo. Essa observação é fruto de nossa empiria, baseada na experiência como professores, no contato diário com jovens que acabaram de chegar do ensino médio; mas é também resultado de nossas leituras sobre avanço tecnológico.

A construção da personalidade e dos valores está acontecendo por caminhos muito diversos daqueles tradicionais: família, igreja, escola, TV. E a configuração de todos os processos perceptivos é muito mais imagética e hipertextual/hipermidiática. A tradição oral permanece, mas totalmente contaminada por estruturas definidas pelos processos de globalização e pelas dinâmicas de consumo. A língua escrita está sendo totalmente reconfigurada, e existe uma resistência grande à forma tradicional de leitura: o livro com começo-meio-fim – sem a sedução da imagem, da interação, da participação efetiva – está se tornando obsoleto para essas novas gerações.

É muito comum receber alunos egressos do ensino médio que afirmam, sem nenhum pudor, nunca terem lido um livro

É muito comum receber alunos egressos do ensino médio que afirmam, sem nenhum pudor, nunca terem lido um livro. Isso não significa que eles são “burros”, preguiçosos ou menos inteligentes que indivíduos das gerações anteriores, nas quais a cultura era baseada na leitura e na escrita tradicionais. Alguns desses alunos são incrivelmente inteligentes e, apesar de uma grande dificuldade, quase incapacidade, para se expressarem em linguagem escrita, podem criar coisas fabulosas usando música, imagem, desenho; enfim, linguagem multimídia.

No entanto, esses jovens são também vítimas de seu tempo, pois vivem o momento da ruptura, visto que aqueles que são seus professores

ainda estão presos a outros paradigmas no que se refere aos processos de ensinar e aprender. Muitos desses professores estão despreparados para lidar com as questões acima apontadas, acomodados a velhos modelos e resistentes a uma compreensão mais ampla das formas de leitura e apreensão do mundo pelas novas gerações. Este é um problema complexo para esses jovens, pois seu mundo entra em choque com o de seus pais e educadores: o choque de formas diferentes de apreensão/percepção e, conseqüentemente, também de construção do conhecimento.

A geração *baby boomers* sofreu a forte influência da TV em seu processo educacional e de percepção do mundo. A imagem passou a ter uma importância ainda maior na construção das estruturas de pensamento; a linearidade começou a ser rompida com o surgimento do controle remoto, que permitia o *zapping*, algo realmente agradável para nossa mente que não é linear, mas pensa por saltos e conexões, vai e volta ao mesmo tema, divaga. Contudo, essa geração ainda conseguiu manter sua disciplina de construção de conhecimento atrelada às leituras tradicionais de livros e artigos acadêmicos. A geração X talvez seja aquela que, hoje, consiga lidar melhor com as características dominantes no processo de construção do pensamento nos moldes como desenvolvido pela geração *baby boomers*, ao mesmo tempo em que domina os movimentos básicos da tecnologia e dos ambientes virtuais nos quais navegam, livremente, as gerações Y e Z, processo que tem influência no modo como assimilam informações e constroem conhecimento, conhecimento este que, por sua vez, vai favorecendo a criação de novas formas de narrativas.

Com o surgimento da rede internet, essa ruptura sedutora, iniciada com a TV, consolidou-se, e a linearidade textual pode vir a tornar-se um mito. As crianças e jovens (Y e Z) navegam na rede livremente, seduzidas por sua estrutura, que é uma metáfora de nosso pensamento fluido e não-linear. Por isso é tão doloroso para muitos jovens, hoje, a leitura de um livro. Ela é limitada, engessada, não faz *hiperlinks* diretos. Por exemplo, imaginemos um jovem que está lendo o capítulo de um livro no qual em um parágrafo lê sobre o suicídio de baleias. O jovem quer saber mais sobre o tema, mas o livro não lhe dá a possibilidade do *link* direto. A internet, sim. Em menos de um minuto, ele não só saberá muito sobre o tema, como poderá ver as imagens e ouvir os sons de muitos casos desses suicídios em um *site* como o *Youtube*, e daí poderá dar novos saltos. E, note-se, muitas vezes não retornando ao assunto/tema inicial de sua pesquisa/navegação.

Além dessa questão central dos processos de percepção mais sinestésicos (hipermidiáticos), que rompem com a tradição do educar baseado no texto e na oralidade – grande choque de gerações –, os jovens, e também as crianças, sofrem ainda com outros problemas. O mais gritante é o da aceleração dos processos tecnológicos em todos

Este é um problema complexo para esses jovens: o choque de formas diferentes de apreensão/percepção e, conseqüentemente, também de construção do conhecimento

Com o surgimento da rede internet, essa ruptura sedutora, iniciada com a TV, consolidou-se, e a linearidade textual pode vir a tornar-se um mito

os campos e a dificuldade para selecionar informação útil, adequada e significativa, num oceano ilimitado de fluxos informacionais diários. Esse caldo cultural escorre por todos os lados, diariamente, impondo às mentes em formação o problema grave de “selecionar”, saber separar “o joio do trigo”, não sentir-se perdido dentro dessa teia infinita de informações, e transformá-las em conhecimento pertinente para a formação de seu caráter e identidade.

Esse problema vem atrelado a outro: o da sedução constante dos entretenimentos vazios que infestam todas as mídias. A “diversão in-sossa”, pura e crua, marcada pela repetição, por exemplo, nos *games*, em que as ações vão se repetindo, à exaustão, até alcançar-se o sucesso proposto. Esse tipo de diversão passou a ser uma das prerrogativas diárias de muitos desses jovens. A gravidade disso é acentuada porque o mundo do capital, estruturado sobre a dinâmica do consumo, não tem a mínima preocupação em formar o caráter na perspectiva da criticidade, da generosidade, da solidariedade, da corresponsabilidade pela vida. Seu interesse está em vender produtos. Portanto, a internet, os *games* de computador, a televisão, os celulares, são hoje ferramentas tecnológicas predominantemente comprometidas com a coisificação das pessoas no mundo. Dentro dessa teia nobre de conhecimento – com muitos caminhos soberbos – o mais sedutor para as massas é o caminho do *ter*, da coisificação das pessoas, dos relacionamentos, dos animais, da vida em geral.

Quando o jovem participa de comunidades na internet, ele está criando laços com outras pessoas, por afinidade. Isso tem um lado maravilhoso, pois ele pode conhecer pessoas que possuem os mesmos gostos em qualquer lugar do globo. Entretanto, existe outro lado na questão: o perigo de avaliar e julgar os outros seres humanos apenas a partir dessa “afinidade” que os une. Isso preocupa, pois os seres humanos são criaturas muito mais complexas que as facetas que conseguem apresentar num *site* que favorece a interação e os relacionamentos. Analisar o outro apenas por um aspecto que “nos une” é coisificar o outro. Eleger uma faceta como o todo. Isso contribui para que as relações humanas não tenham solidez e produz a expectativa que temos diante dos objetos utilitários: o celular fica obsoleto depois de um mês, não atende mais às exigências de novidade. Muitos jovens dessas novas gerações tratam as relações humanas como aquelas que têm com seus objetos de consumo: se a relação não me satisfaz de uma maneira, em um dos aspectos, deve ser descartada. Ao longo do tempo, isso pode acelerar os processos de intolerância e, no limite, de agressividade e exclusão.

A mudança de percepção do mundo, baseada na hipertextualidade, está reconfigurando a estrutura cerebral. A memória perderá alguns de seus importantes papéis e a possibilidade de uma consciência planetária

A internet, os *games* de computador, a televisão, os celulares são hoje ferramentas tecnológicas predominantemente comprometidas com a coisificação das pessoas no mundo

Muitos jovens tratam as relações humanas como aquelas que têm com seus objetos de consumo: se a relação não me satisfaz de uma maneira deve ser descartada

emergente parece verossímil (LÉVY, 2001). Mas, essa mudança de percepção não significa uma mudança na formação do caráter; não significa que teremos uma humanidade melhor, mais solidária, mais doce. Tudo dependerá de como os jovens resolverão esta grande questão: deixar o caráter ser assassinado pela diversão vazia, ou buscar nessa estrutura rizomática, maravilhosa, os caminhos para uma verdadeira revolução interior que favoreça autoconhecimento, generosidade, solidariedade e cuidado com a Gaia e seus viventes. Infelizmente, não se muda a sociedade como bloco, de uma só vez. A mudança é complexa e passa por nossas características individuais e coletivas. As transformações começam necessariamente com os indivíduos. Expandem-se daí aos pequenos e grandes grupos até chegarem ao conjunto maior da sociedade. A escola e os educadores podem e devem ajudar as crianças e jovens na construção desse movimento, como sugere Leonardo Boff (1994, p. 74):

Precisamos sim de revoluções para realizarmos as transformações necessárias. Mas os caminhos para estas transformações são hoje diferentes. Não bastam as transformações estruturais; precisamos transformar também as subjetividades, pessoais e coletivas.

Acreditamos nas *revoluções moleculares*. Como as moléculas, a menor porção de matéria viva, garantem a sua vida pela relação e articulação com outras moléculas e com o meio ambiente, de forma semelhante, as revoluções devem começar nos grupos e nas comunidades interessadas em transformações. Nos grupos transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí podemos começar a mudar espaços mais amplos da sociedade.

Os novos processos educativos exigem, assim, que cada geração tome consciência de seu processo de desenvolvimento e do ponto em que chegou no contexto da evolução societária. A partir daí, poderá detectar qualidades e lacunas que precisam ser supridas, tendo por meta não apenas a realização pessoal, mas a construção de uma sociedade com capacidade de justiça para todos e, ainda, com capacidade de manter e desenvolver o presente e o futuro da vida planetária que, neste momento, está profundamente ameaçada.

Pensando o futuro das novas gerações: possibilidades

Não estamos acostumados a pensar no final de nossa espécie sobre o planeta, apesar dos alertas feitos pelos cientistas ou pelas reações da própria natureza. O fim catastrófico parece-nos algo muito distante de nossa realidade, e muitos nem chegam, no cotidiano, a fazer relações entre nosso *modus vivendi* e o futuro do planeta. O fim desastroso parece-nos fantasia de ficção científica e não uma possibilidade concreta.

As transformações começam necessariamente com os indivíduos. Expandem-se daí aos pequenos e grandes grupos até chegarem ao conjunto maior da sociedade

Os novos processos educativos exigem que cada geração tome consciência de seu processo de desenvolvimento e do ponto em que chegou no contexto da evolução societária

No entanto, obras como *A vingança de Gaia* (2006a) e *Gaia: Alerta Final* (2010), escritas pelo notório PhD em biologia, o inglês James Lovelock, nos alertam para o fato de que talvez não consigamos mais recuperar o quanto já fizemos perder sobre nosso planeta:

As evidências de que a Terra se comporta como um sistema vivo são agora fortes. Ela tanto pode resistir à mudança climática como intensificá-la e, a menos que levemos tal ponto em consideração, não poderemos entender nem prever o comportamento da Terra. Devemos ter sempre em mente que é arrogância achar que sabemos como salvar a Terra: nosso planeta cuida de si próprio. Tudo que podemos fazer é tentar nos salvar. (LOVELOCK, 2010, p. 26)

Se o homem não se autodestruir nos próximos 100 anos, ele conseguirá a façanha de aumentar sua longevidade individual em pelo menos 150 anos

Portanto, é vital perguntar: Quais as opções que as novas gerações têm diante de si, quando se pensa no futuro sobre o planeta? A humanidade está vivendo um momento muito peculiar. Não temos, ainda, o distanciamento necessário para compreendermos a profunda ruptura que estamos experimentando em todos os aspectos: culturais, sociais, políticos, econômicos, psicológicos, perceptivos, cognitivos, etc. Muito provavelmente, a espécie humana ou se autoexterminará ou, então, virá a conseguir um avanço grande na quantidade e qualidade de vida individual e coletiva. Acreditamos que, se o homem não se autodestruir nos próximos 100 anos, ele conseguirá a façanha de aumentar sua longevidade individual em pelo menos 150 anos. Alguns pesquisadores radicais da tecnociência são ainda mais otimistas e iconoclastas ao vislumbrarem a possibilidade de uma imortalidade hipertecnológica:

As opções das novas gerações podem se resumir em duas grandes linhas: uma que atende aos desejos do *ego*, e outra que compreende a interconexão entre todas as criaturas vivas e a interdependência delas

Na verdade, não existirá mortalidade no final do século XXI. Não no sentido em que estamos acostumados. Até agora, nossa mortalidade estava amarrada à longevidade de nosso *hardware*. Quando o *hardware* falhava, era o fim. Para muitos de nossos antepassados, o *hardware* gradualmente se deteriorava antes de se desintegrar. Yets lamentava nossa dependência de um self físico que era “coisa desprezível, um casaco em farrapos apoiado numa bengala”. Quando atravessarmos a linha para nos instanciarmos em nossa tecnologia computacional, nossa identidade será baseada em nosso arquivo de mente evolutiva. Nós seremos *software* e não *hardware*. (KURZWEIL, 2007, p. 181)

As opções das novas gerações são muitas, mas podem se resumir em duas grandes linhas: uma que atende aos desejos do *ego* e contribuirá para a falência da espécie, e outra que compreende a interconexão entre todas as criaturas vivas e a interdependência delas. Essa segunda

é o amor irrestrito pela vida, e, se prevalecer, poderá resultar em uma verdadeira evolução para uma vida harmônica vivida com consciência cósmica, isto é, a consciência de que a vida se espalha para além deste planeta, “pálido ponto azul” no grande espaço, e que pede sempre o cuidado amoroso para com qualquer tipo de vida.

Se as novas gerações optarem pelo consumo desenfreado, pela diversão desencanada (que sempre envolve consumo), pelo seu *ego*, pelo seu bem-estar e poder, em lugar de escolher esse caminho do amor e do compartilhar, será o fim. Para Lovelock (2006), ele virá provavelmente nos próximos 100 anos, pois as necessidades criadas pela obsolescência acelerada das tecnologias e o consumo irão esgotar o planeta. Para o autor, o que devemos fazer não é investir no chamado “desenvolvimento sustentável”, mas sim investirmos urgentemente em tecnologias para uma “retirada sustentável”, reduzindo gradativamente os níveis de consumo globais (LOVELOCK, 2006a, p. 123).

Se algo não for feito imediatamente, Gaia, a Terra viva, irá responder com o extermínio dos humanos, para que venham novas espécies conscientes. Mas se os indivíduos luminosos, que viveram e vivem sobre a Terra, conseguirem tocar o coração e a inteligência dos indivíduos das novas gerações e transformarem essa ação em disseminação de consciência, então a humanidade poderá chegar à sua essência harmônica e criativa, cumprindo o processo de amorização, como afirmava Teilhard de Chardin (1980, p. 121-137).

Portanto, acreditamos que essas novas gerações, as crianças e jovens que estão aí, têm uma importância fundamental para o destino de nossa espécie. Estamos à beira de um abismo e cabem-nos os próximos passos: retroceder para avançar em novas e promissoras direções ou avançar para o fim anunciado.

Temas a serem cuidados e desenvolvidos nas escolas com as novas gerações

Não é objetivo nosso fazer uma indicação de composição curricular para que professores e alunos, em suas escolas, enfrentem os desafios da hora presente, tendo em vista um futuro positivo para nossa humanidade. O pensador contemporâneo Edgar Morin tem feito esse esforço de propiciar fundamentos para reorganizações curriculares, desde a perspectiva de superação do paradigma cartesiano e da assunção de um paradigma da complexidade (MORIN, 2000).

No entanto, sob a inspiração deste e de outros autores, queremos sim indicar alguns temas que, a nosso ver, deverão ser considerados nas escolas, com as gerações Y e Z, com cuidado, atenção e criatividade:

- **Novas narrativas:** Hernández compreende que “as narrativas são formas de estabelecer a maneira como há de ser pensada e

O que devemos fazer não é investir no chamado “desenvolvimento sustentável”, mas sim investirmos urgentemente em tecnologias para uma “retirada sustentável”

Essas novas gerações, as crianças e jovens que estão aí, têm uma importância fundamental para o destino de nossa espécie

Que atenção a escola tem dado no sentido de fazer com que os alunos não sejam apenas receptores de imagens, mas críticos construtores e intérpretes delas?

Professores e alunos precisarão ter presente que somos indivíduo/sociedade/espécie e que nosso destino é construído a partir do projeto ético que coletivamente definirmos

vivida a experiência” (2007, p. 11). Sugere também que nosso tempo, em função das tantas mudanças que vivemos, é carente de novas narrativas. As narrativas modernas, racionalistas, predatórias e cientificistas se esgotaram. Professores e alunos precisamos criar novas narrativas, que considerem nossa complexidade, nossa subjetividade, nossas capacidades imaginativa e intuitiva e nossa necessidade de sentido. Que história queremos fazer? Que presente e que futuro queremos construir? Que novas narrativas nos ajudarão a construí-los?

- **Cultura visual:** somos seres imagéticos (ANDRAUS, 2006). Vivemos cada vez mais mergulhados num mundo de visualidades, agora facilitadas por tantos recursos tecnológicos. Que atenção a escola tem dado no sentido de fazer com que os alunos não sejam apenas receptores de imagens, mas críticos construtores e intérpretes delas, capazes de pensar suas funções sociais e suas relações de poder para além da fruição de prazer que elas proporcionam? (SARDELICH, 2006). É preciso que os alunos aprendam a construir novas narrativas visuais que sejam estímulos à construção de novas realidades, quicá, mais fraternas, tolerantes e solidárias.
- **Uso reflexivo e crítico das tecnologias:** as tecnologias de informação e comunicação (TICs) são uma realidade e, na escola, professores e alunos precisam trabalhar com elas. É preciso conhecê-las, sabendo usar suas várias possibilidades, mas também aprendendo a refletir sobre que tipo de mundo, de sociedade e de relações queremos construir com o auxílio desses poderosos recursos. Não é possível aqui separar os aspectos técnicos e os éticos. Urgente, também, no uso crítico das tecnologias, é a aprendizagem do discernimento quanto a como selecionar as informações pertinentes.
- **O projeto ético como fundamento da humanidade que se quer construir:** professores e alunos precisarão ter presente, a todo o momento e a cada escolha, que, como lembra Morin, somos indivíduo/sociedade/espécie e que nosso destino, em suas antinomias e plenitude, é construído a partir do projeto ético que coletivamente definirmos (MORIN, 2000, p. 106).
- **Autoconhecimento:** Stanislav Grof, em sua obra seminal *Além do Cérebro* (1987), lembra que as mudanças profundas a serem efetuadas na vida em sociedade no planeta exigirão que o processo de autoconhecimento esteja junto de qualquer atividade que se realize. Autoconhecimento proporciona consciência do próprio caminho, em termos de avanços e limites, assim como favorece o processo de partilha e comunhão entre diferentes.

Como recuperar, não de forma odiosa e desmotivadora, esse movimento no ambiente escolar?

- **Arte e tecnologia:** a arte é, por si mesma, um caminho de autoconhecimento e autoconsciência. Ela precisa ser reinventada no ambiente escolar, pois tem sido vivida de maneira vazia e pífia, na maioria das vezes. Agora ela vem associada de modo poderoso aos recursos tecnológicos. A união entre arte e tecnologia não só está estabelecendo novos padrões estéticos como pode nos ajudar a compreender que mundo é este que estamos construindo com as tecnologias de ponta do mundo contemporâneo.
- **Relações interpessoais e relações pedagógicas:** as relações interpessoais que, no aspecto da relação professor-aluno, veem-se tratadas como relações pedagógicas são centrais nos processos de construção do conhecimento. E continuarão a ser. Não importa se a modalidade educativa é presencial ou a distância. A relação pedagógica é central e exige autoconhecimento, diálogo, escuta sensível, tolerância, criatividade e também, com certeza, firmeza e decisão. Deverão ser objeto de estudo, individual e coletivo, e também objetivos de autoformação.
- **Afirmção política dos atos educativos:** somos seres políticos. Vivemos em comunidades e coletividades. Nossos atos educativos também são políticos, mesmo quando estão no âmbito das subjetividades ou intersubjetividades. Para além das crises dos sistemas econômico-políticos e da decepção com a postura dos políticos profissionais, o trabalho educativo precisará ser feito, por professores e alunos, com consciência política. Onde queremos chegar? Qual nossa relação com o(s) poder(es) para chegar onde queremos?
- **Repensar o *homo consumans*:** é vital que os hábitos que expressam o consumismo sejam repensados. Como superar o consumismo sem *autoconhecimento*? Sem o auxílio da *arte*? Sem a *reflexão política*? Sem o auxílio das *tecnologias*? Sem *narrativas visuais* que nos permitam enxergar o mundo que estamos destruindo?
- **Uma nova postura diante das crianças:** a postura predominante em nossa cultura ainda é fortemente adultocêntrica: a criança é o ser da falta e seu discurso não tem sentido, assim como é vista como um ser que tão somente copia e reproduz o que vê. Há que se mudar esta postura. As crianças reagem à cultura dominante, reconstroem e constroem cultura e, apesar de estarem ainda sendo iniciadas na cultura historicamente construída, são capazes de elaboração própria, ainda que inacabada... Aliás, como nós, adultos. Elas precisam ser ouvidas com a capacidade de escuta sensível dos educadores, sejam pais, sejam professores.

A relação pedagógica é central e exige autoconhecimento, diálogo, escuta sensível, tolerância, criatividade e também, com certeza, firmeza e decisão

As crianças precisam ser ouvidas com a capacidade de escuta sensível dos educadores, sejam pais, sejam professores

A continuidade da vida exigirá que todos desenvolvamos uma grande capacidade de cuidado com a Mãe-Terra e com os viventes que nela habitam

- **Uma concepção mais ampliada de espiritualidade:** a espiritualidade aqui é entendida como dimensão antropológica, ou seja, o espírito é entendido não como uma parte de nós, mas como um “momento pleno de nossa totalidade consciente, vivida e sentida dentro de outra totalidade maior que nos envolve e nos ultrapassa: o universo das coisas, das energias, das pessoas, das produções histórico-sociais e culturais. Pelo espírito captamos o todo e a nós mesmos como parte e parcela desse todo” (BOFF, 2002, p. 56). Esse é um caminho muito importante para a construção de sentido para a existência.
- **Cuidado com Gaia e com os viventes:** a continuidade da vida exigirá que todos desenvolvamos uma grande capacidade de cuidado com Gaia, a Mãe-Terra e com os viventes que nela habitam. Não só o hábito predatório deverá ser superado, mas o *cuidado*, como hábito, deverá substituí-lo. O desafio é que essa postura se inicie dentro dos grupos menores, como a sala de aula e a escola, por exemplo.

Formação de professores para o cuidado com as novas gerações

Também de forma indicativa vamos apontar alguns aspectos que deverão ser considerados nos processos de formação de professores que desejam ajudar a preparação dos educadores, com a tarefa de educar as novas gerações, seja na formação inicial ou continuada. São aspectos que, por um lado, pedem abertura e capacidade de autoformação por parte dos professores, mas que, por outro, pedem também que as instituições escolares, e seus gestores, ajudem a criar o clima e as condições objetivas para que eles possam ser desenvolvidos. Assim, entendemos que será necessário:

Reconhecer, desconstruir e reconstruir criativamente o próprio caminho profissional, de acordo com as necessidades de cada momento histórico, é algo fundamental para o trabalho docente

- **Do ponto de vista da racionalidade:** que os professores estudem as novas gerações, suas características, possibilidades e limites. Estudem também os processos de mudança paradigmática e as rupturas deste tempo, bem como se empenhem em construir novas sínteses em suas práticas educativas. Tais sínteses, sempre inacabadas, devem favorecer a abertura de caminhos novos nos processos de reinvenção das propostas escolares.
- **Do ponto de vista da autoformação:** que os professores mergulhem sistematicamente num trabalho de autoconhecimento e de resgate crítico da própria trajetória formativa. Reconhecer, desconstruir e reconstruir criativamente o próprio caminho profissional, de acordo com as necessidades de cada momento histórico, é algo fundamental para o trabalho docente.

- **Do ponto de vista das novas linguagens:** será necessário desenvolver, além do conhecimento específico da própria disciplina, também a capacidade de lidar com diferentes linguagens. Neste sentido, se faz fundamental o domínio, ainda que focado em certos aspectos, da tecnologia dos computadores para redação, pesquisa e criação de textos e materiais didáticos, assim como para o diálogo e a interação com as novas gerações. Também a linguagem artística, em quaisquer de suas possibilidades, deveria ser uma preocupação dos profissionais da educação deste tempo. Sem dúvida, haveria não só o benefício do autoconhecimento quanto o da construção de novas possibilidades de diálogo com as novas gerações. Professores das gerações *baby boomers* e X deverão perder o seu medo com os processos computacionais, pois aproximando-os dos processos artísticos poderão ajudar a criar as novas narrativas de que nosso tempo tanto necessita.
- **Do ponto de vista dos projetos pedagógicos e do trabalho coletivo:** embora sejam abordados desde muito tempo, são saberes que ainda precisam ser melhor elaborados pelos professores. A escola é cada vez mais realidade coletiva, e se os professores não aprenderem a lidar com as dificuldades do trabalho coletivo, superando-as em direção à realização de um projeto que expresse a construção, de fato, coletiva do trabalho escolar, então muitas serão as dificuldades que se colocarão no cotidiano da escola. Não é mais possível a construção do trabalho escolar a partir da ação isolada e individualista dos professores.

Não é mais possível a construção do trabalho escolar a partir da ação isolada e individualista dos professores

Considerações finais

Em tempos nos quais as culturas humanas sacodem-se no empenho de construir novos caminhos para a continuidade da vida, com sentido, sobre o planeta, os desafios pedagógicos que os professores enfrentam diante das novas gerações sugerem:

Que a *construção da inteireza*, como síntese criativa e inacabada dos contrários presentes na condição humana, continua a ser um desafio fundamental que, se respondido positivamente, auxiliará a construção de novas perspectivas para a prática docente em especial e para a humanidade em geral;

Que na construção coletiva se faz imperativo, considerando nossa história e nossos saberes acumulados, definir que *projeto ético* queremos defender para nós, como conjunto humano, tomando como ponto de partida nossas diferenças;

Que as *artes são um caminho privilegiado* de autoconhecimento, autoexpressão e construção de conhecimento transdisciplinar e, como

A *construção da inteireza* continua a ser um desafio fundamental que, se respondido positivamente, auxiliará a construção de novas perspectivas para a prática docente em especial e para a humanidade em geral

tal, podem auxiliar o processo humano de desenvolvimento em suas relações com as necessidades de autoconhecimento e de expressão da leitura de mundo;

Que os professores e gestores se abram, corajosamente, ao aprendizado de novas linguagens, de modo especial às imagéticas, computacionais e multimidiáticas, pois, sem dúvida, este será um caminho não só de aproximação das novas gerações, mas também de aproximação às maneiras contemporâneas de construção do conhecimento.

Oxalá os processos formativos de professores possam ajudar a formar profissionais com criatividade operosa e grande capacidade de diálogo, aspectos necessários para construir um mundo com mais alegria, beleza e fraternidade... Em proximidade amorosa, paciente e inventiva das novas gerações.

Referências bibliográficas

ANDRAUS, Gazy. *As Histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. 2006. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BOFF, Leonardo. *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus, 2002.

_____. *Nova Era: a civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994.

GROF, S. *Além do Cérebro: Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KURZWEIL, Ray. *A Era das Máquinas Espirituais*. São Paulo: Aleph, 2007.

LÉVY, Pierre. *A Conexão Planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LOVELOCK, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006a.

_____. *Gaia: Cura para um planeta doente*. São Paulo: Cultrix, 2006b.

_____. *Gaia: Alerta Final*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare, 2010.

SARDELICH, Maria Emilia. *Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa*. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *Não sabemos mais para onde vamos*. Entrevista concedida a Léo Arcoverde. *Revista Caros Amigos*, São Paulo, ano XI, n. 36, p. 19-20, novembro de 2007. Número Especial.

Oxalá os processos formativos de professores possam ajudar a formar profissionais com criatividade operosa e grande capacidade de diálogo

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologias: O impacto sócio-técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *Meu Universo e a Energia Humana*. São Paulo: Loyola, 1980.

VIANA, Fernando. *Os novos tempos: convivência das gerações X e Y nas empresas*. 06/06/2008. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/fernandoviana/ler.asp?id=73931>>. Acesso em: 20 jun. 2010.